RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PESQUISA COM ESTUDANTES INDÍGENAS E QUILOMBOLAS NO MACIÇO DE BATURITÉ - CEARÁ

Francisco Welder Silva De Lima[1]
Camila Ricarte Dantas Carvalho[2]
Danubia Soares[3]
James Ferreira Moura Junior[4]

RESUMO

Este relato de experiência surge de uma pesquisa realizada com estudantes indígenas e quilombolas do maciço de Baturité, no estado do Ceará, na qual buscou-se explorar suas práticas de cura tradicionais e como essas contribuem para a promoção da saúde mental e para um bem viver em meio à violência estrutural experimentada diariamente por esses povos. A pesquisa envolveu imersão em dois territórios: a Escola Indígena Itá-Ara do povo Pitaguary, em Pacatuba, e a Escola Quilombola Osório Julião, na Serra do Evaristo, em Baturité. A vivência direta com esses estudantes e as comunidades foi marcada por ricas trocas culturais e pela oportunidade de observar como o contexto escolar pode ser tanto um espaço de vulnerabilidade quanto de proteção. A metodologia incluiu oficinas de colagem e desenho, círculos de cultura e entrevistas semiestruturadas, além da aplicação de questionários. Na escola Itá-Ara trabalhou-se com quatro turmas do ensino médio, com idades entre 15 e 19 anos. Ainda na escola Osório Julião o público foi mais jovem, com estudantes do ensino fundamental, com idades entre 11 e 15 anos. Os resultados apontam para a importância da imersão nesses territórios, oportunizando experienciar de perto as estratégias desses povos, como as práticas de cura tradicionais, que se mostram cruciais como uma estratégia de enfrentamento aos impactos da violência estrutural, promovendo a saúde mental e o fortalecimento da identidade étnica dos jovens. Conclui-se que o estudo no território e o diálogo com os estudantes indígenas e quilombolas possibilitaram uma compreensão profunda das realidades vividas por esses jovens, influenciando em nossas formações na área das ciências sociais e saúde.

Palavras-chave: educação intercultural; indígenas; quilombolas; território.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acarape, Discente, franciscowelder@aluno.unilab.edu.br[1]
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acarape, Discente, camilaricarte753@gmail.com[2]
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acarape, Discente, danubiasoares202122@gmail.com[3]
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acarape, Docente, james.mourajr@unilab.edu.br[4]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

A experiência de pesquisar em territórios indígenas e quilombolas no Ceará não foi apenas um exercício acadêmico, mas também uma vivência pessoal intensa. O contato com a comunidade quilombola da Serra do Evaristo e com os estudantes da Escola Indígena Itá-Ara revelou uma realidade repleta de desafios estruturais, onde a violência, tanto física quanto estrutural, permeia o cotidiano. Ao mesmo tempo, foi possível perceber como as práticas culturais e comunitárias dessas populações se erguem como poderosas formas de resistência. Neste relato, busco compartilhar as impressões e experiências vividas, destacando como o envolvimento pessoal com essas comunidades foi essencial para a construção de um diálogo verdadeiro e transformador (Mussi; Flores; Almeida, 2021).

Diante disso, este trabalho apresenta como objetivo geral: relatar as experiências vividas em campo durante a pesquisa com estudantes indígenas e quilombolas, onde buscou-se entender as práticas de cura tradicionais e sua relação com a saúde mental e o enfrentamento da violência estrutural. Além disso, destacam-se os objetivos específicos: descrever as vivências e percepções resultantes da imersão nos territórios quilombolas e indígenas; refletir sobre a relação entre o contexto escolar e a preservação das identidades culturais no enfrentamento da violência estrutural; e ainda apresentar os desafios e oportunidades observados no uso de metodologias participativas em pesquisas com populações indígenas e quilombolas.

METODOLOGIA

Essencialmente qualitativa (Duarte, 2002) a pesquisa deu-se em dois territórios: a escola indígena Itá-Ara, em Pacatuba, entre os dias 29 e 31 de maio de 2023, onde trabalhou-se com quatro turmas do ensino médio, com idades entre 15 e 19 anos. E na comunidade quilombola da Serra do Evaristo, em Baturité, que aconteceu entre os dias 04 e 06 de outubro de 2023, com estudantes do ensino fundamental, com idades entre 11 e 15 anos. Em ambos os locais, foram aplicadas metodologias participativas, como oficinas de colagem e desenho, círculos de cultura, entrevistas semiestruturadas e a aplicação de questionários semiestruturados. A convivência no território foi uma escolha metodológica central, permitindo que os pesquisadores vivessem um pouco a rotina desses jovens nas escolas e nas comunidades da qual pertenciam (Carvalho; Junior; Vasconcelos, 2023).

Na Serra do Evaristo (Fotografia 1), onde está a escola Quilombola Osório Julião, por exemplo, dormimos na casa da família do Gustavo, que é quilombola e faz parte da equipe de pesquisa, com isso compartilhando suas rotinas, refeições e ouvindo atentamente as suas histórias. Isso nos deu uma visão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais que permeiam o ambiente escolar e familiar. Na Escola Indígena Itá-Ara, os deslocamentos longos e as conversas com os estudantes revelaram a resiliência dessas comunidades diante das dificuldades impostas pela exclusão e pelo racismo estrutural.

Fotografia 1. Cultivo da banana na Serra do Evaristo

Fonte: arquivo pessoal dos autores (2023)

Portanto, essas técnicas citadas são apoiadas pelo diário de campo, que se torna uma ferramenta essencial

ISSN: 2447-6161

na pesquisa. Esta permite registar detalhadamente as observações, reflexões e interações, dando um retrato aprofundado da vida destes jovens e dos contextos em que se encontram (Da Silveira Kroef; Gavillon; Ramm, 2020). Através do diário de campo nasce uma visão multifacetada das relações sociais, das práticas culturais, dos desafios e da resiliência destes jovens, contribuindo para uma compreensão mais rica e contextualizada das suas realidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contato direto com as comunidades permitiu observar que as práticas de cura vão além do uso de plantas medicinais, envolvendo também rituais de fortalecimento espiritual e o suporte comunitário. Nas oficinas de colagens e desenhos (Fotografia 2) realizadas com os estudantes do ensino fundamental e médio, muitos expressaram seu apego à natureza e às tradições por meio de suas criações artísticas. Um estudante da comunidade quilombola, por exemplo, desenhou um campo de futebol cercado por montanhas, representando o espaço onde ele se sente mais livre e conectado à sua cultura.

As vivências em sala de aula também trouxeram à tona o quanto o sistema educacional tradicional pode ser excludente, mas, ao mesmo tempo, um espaço potencial de cura e fortalecimento identitário, principalmente a partir da promulgação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatória a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares (Silva; Rocha; Onofre, 2020). Essa Lei contribui para a valorização de saberes tradicionais como os observados entre os jovens quilombolas, reforçando a importância de uma educação que reconheça e integre a diversidade cultural brasileira. A realização de oficinas e rodas de conversa, como a sobre práticas de cura, revelou o quanto essas tradições são importantes para manter o equilíbrio emocional dos jovens. Uma aluna indígena compartilhou que, quando se sente sobrecarregada, ela busca o banho de ervas, uma prática ensinada por sua avó, para encontrar alívio e paz (Malcher, 2009).

A convivência nos territórios também destacou a hospitalidade das famílias, que não apenas nos acolheram, mas nos alimentaram com suas tradições culinárias e histórias de resistência. Essa proximidade fortaleceu a compreensão de que as práticas culturais são, em si, mecanismos de saúde mental e coesão social. A pesquisa mostrou que a preservação dessas tradições deve ser incentivada e incorporada em políticas públicas voltadas para essas comunidades.

Fotografia 2. Oficina de colagens e desenhos na escola Itá-Ara

Fonte: Arquivo pessoal dos autores (2023)

CONCLUSÕES

Mediante a convivência nos territórios, indígena e quilombola, e a vivência das suas realidades cotidianas ampliaram nossa compreensão sobre a interconexão entre saúde mental e práticas culturais. O relato de experiência reafirma a importância de programas de saúde mental que levem em consideração os saberes tradicionais e a educação intercultural como ferramentas essenciais no enfrentamento da violência estrutural.

A presente experiência em território revelou uma realidade rica em saberes tradicionais, conexões com a ancestralidade e uma profunda relação com o território e a natureza entre os jovens. Através de uma

ISSN: 2447-6161

abordagem qualitativa, pautada na observação participante, entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários, foi possível compreender de forma detalhada como esses jovens lidam com questões de saúde, bem-estar e espiritualidade em seu cotidiano. Concluímos que estar fisicamente presente nos territórios foi fundamental para compreender o impacto profundo da cultura na vida desses jovens, bem como para reforçar a necessidade de políticas que apoiem essas tradições.

AGRADECIMENTOS

A Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Funcap, pelo financiamento através do edital BPI 04/2022, bolsa de produtividade em pesquisa, estímulo à interiorização e inovação tecnológica. Ao povo Pitaguary e escola Itá-Ara, bem como a comunidade quilombola Serra do Evaristo, sobretudo a gestão da escola Osório Julião pelo acolhimento. A Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências – ReaPODERE.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Socorro Taynara Araújo; JÚNIOR, James Ferreira Moura; VASCONCELOS, Anailda Fontenele. Círculo de cultura sobre estratégias de indigenização da saúde mental com povos indígenas do Ceará. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, v. 45, p. e69728, 2023.

DA SILVEIRA KROEF, Renata Fischer; GAVILLON, Póti Quartiero; RAMM, Laís Vargas. Diário de Campo e a Relação do (a) Pesquisador (a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 20, n. 2, p. 464-480, 2020. https://doi.org/10.12957/epp.2020.52579.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de pesquisa, p. 139-154, 2002.

MALCHER, Maria Albenize Farias. Identidade quilombola e território. Comunicações do III Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Belém, v. 21, p. 399-421, 2009.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. Revista práxis educacional, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

SILVA, Edlene Pereira de Castro; ROCHA, Ricardo Ferreira; ONOFRE, Joelson Alves. A LEI 10.639 E A OBRIGATORIEDADE DO ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: OUTRAS VOZES PARA O ENSINO DE FILOSOFIA. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE), [S. l.], v. 1, n. 32/33, p. 47–60, 2020. DOI: 10.26512/resafe.v1i32/33.35111. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/35111. Acesso em: 9 out. 2024.

ISSN: 2447-6161